

1. Sede da face de Deus

No dia do meu aniversário deste ano, estava no Brasil, e acordei cantarolando mentalmente um versículo do Salmo 41, o da corça que suspira pelas águas: "A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo, quando irei contemplar a face de Deus?"(Sal 41,3). O dia inteiro fiquei pensando sobre isto, porque era como se o Senhor estivesse me acordado dizendo qual é o desejo real e profundo da minha alma, e, portanto, lembrando-me porque vivo, porque vivi até agora e porque continuo a viver, até minha morte. Vivo porque meu coração tem sede de Deus, do Deus vivo, e está impaciente para ir e ver sua Face. Era como se minha alma me desse um beliscão, para me acordar de todas as minhas distrações e sonolência, em dar espaço ao único desejo do coração, ao único anseio que anima a vida, mesmo que vivendo todo o resto. Entendi que existe como um último chamado neste versículo do Salmo 41, que recebi como um presente precioso, um tesouro que não devo perder, uma pérola para não deixar cair da mão, para segurar junto ao coração.

Retornado do Brasil, oito dias depois, era a Semana Santa. Fui para um retiro no mosteiro das nossas monjas de Cortona, e tomei o Salmo 41 como fio condutor da minha meditação, favorecida pela liturgia daqueles dias santos e pela beleza franciscana da cidadezinha toscana e das paisagens que a rodeiam. Tinha tirado cópia do Salmo 41 de uma edição do Saltério em hebraico, grego, latim, além do italiano. Tocou-me, então, o título do Salmo, como se encontra na versão grega dos Setenta e, portanto, no latim da Vulgata. Diz que este salmo é "para o fim - *eis to telos - in finem*". Outros Salmos têm este mesmo título, mas como este comentário inicial não é relatado ou pelo menos, não faz parte do texto do Salmo propriamente dito, nunca o tinha notado. O comentário não diz apenas "para o fim", mas também "para a compreensão: dos filhos de Core". Não ousei entrar em questões exegéticas. Somente desejo exprimir o impacto destas duas palavras naquele momento, e como me ajudaram a ouvir aquele Salmo e por meio deste, Deus, e o impacto nos dias de retiro que iniciava enquanto iniciava a Semana Santa. Estas palavras, "para o fim", acenderam em mim a consciência de quão importante é viver conscientes do fim, do fim da vida. "Para o fim... Para a compreensão...": devemos viver sempre com esta consciência, com esta intensidade tudo o que Deus nos dá, para nos conduzir da origem de nós mesmos até a plenitude da vida Nele. Deveríamos viver tudo desta forma; cada pensamento, cada palavra que ouvimos ou dizemos, tudo deveria ter a intensidade da consciência do fim, do *telos*, do objetivo final do nosso ser e da existência de tudo e de todos.

Também este mês de formação monástica, com todos os ensinamentos, a vida comunitária, o silêncio e a oração pessoal e comunitária, o trabalho e os serviços, e os momentos de recreação e de festa, também este mês devemos viver "para o fim", para o *telos*, a razão, o sentido último, a realização da nossa vida, da nossa vocação, da nossa fé, da nossa pessoa como um todo. Não tanto pensando na morte, mas recuperando a finalidade pela qual vivemos o agora, pela qual vivemos o que vivemos agora, na condição em que se encontra a nossa vida, o nosso coração, todo o nosso ser, e quem está conosco, quem nos foi confiado.

Mas sem esquecer que a própria sede que temos no coração, é o sentido da nossa vida, porque é sede de Deus, sede de consumação, de realização final e total. Não há nada que me enlace ao fim da vida, que esteja em relação com o fim mais do que a sede que sinto, que habita em mim fechada no meu coração, porém que se desperta e se desperta mais uma vez, de surpresa, como naquela manhã para mim no Brasil, quando me acordou a surpresa da sede de Deus, da minha alma.

Jesus, no Evangelho de São João, morre depois de ter dito duas palavras: "Tenho sede!" e "Está consumado" (Jo 19,28.30). A sede e a realização, a sede que é realização. Jesus, no final, era apenas sede, a sua alma era apenas sede, tinha somente sede, somente sede de amar, sede de amor, sede de Deus. O Deus moribundo tem sede do Deus vivo. Experimenta a nossa sede, aquela da nossa alma, a nossa sede Dele. Nele está toda a nossa sede Dele. E nesta sede se realiza toda a sua missão e a sua vida.

A sede de Deus vivo, que nos surpreende na alma, nos revela que o sentido da vida é que Deus seja para nós a finalidade de tudo, que o Pai seja a finalidade de tudo, que Cristo seja a finalidade de tudo, em cada instante da vida. A sede de Deus é esta tensão ao fim da vida que arde no presente, em cada momento. E tudo vem alimentar esta sede, até o que nos perturba, distrai, também o cansaço que carregamos em nós, e que muitas vezes se torna ainda mais agudo quando fazemos silêncio, para ler e meditar, para rezar. A sede da Face de Deus, do Deus vivo, é alimentada por tudo, porque tudo anseia ao fim, a uma realização, e mais aquilo que anseia é imperfeito, mais é inacabado, mais anseia. O problema não é a qualidade da sede, mas a água com a qual pretendemos satisfazê-la. Então, é importante parar, para nos dizer e dizer a Deus: é de Ti que tenho sede, de nada mais, mesmo se apago minha sede com milhares de outras coisas, "de **Ti** minha alma é sedenta, a **Ti** a minha carne anela come terra árida e sequiosa, sem água" (Sal 62,2).

Precisamos de momentos, átimos de consciência, instantes de memória, em que reconhecemos que a sede que nos atormenta da manhã até a noite, mesmo se nos distraímos com bastante facilidade (basta pensar no falatório da Samaritana, quando Jesus fala de sua verdadeira sede), que a nossa sede é sede do "Deus vivo", isto é, de um Deus presente, que tem uma Face ao qual podemos ir em sua direção: "quando irei contemplar a face de Deus?" (Sal 41,3).